

**ENTREVISTA****OS PRIMEIROS PASSOS DA INCUBADORA DA UEFS: DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E O DIÁLOGO COM A COMUNIDADE**

Prof. Genival Corrêa, primeiro coordenador da Incubadora da UEFS, relembra o aprendizado mútuo com os grupos populares, os desafios das tecnologias sociais e o legado que modificou a estrutura da universidade.

SARA DE SOUZA SILVA SANTIAGO

Mestranda em Planejamento Territorial (PLAN TERR/UEFS). E-mail: sara.uefs2025@gmail.com

JOSÉ RAIMUNDO OLIVEIRA LIMA

Doutor e pós-doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente da UEFS/PLAN TERR/PROFICIAMB/PPGGOS. E-mail: zeraimundo@uefs.br

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), criada em 2008, emerge em um contexto marcado pela intensificação das desigualdades sociais e pela busca de alternativas de geração de trabalho e renda para grupos historicamente excluídos do mercado formal. Inspirada nas experiências de incubadoras universitárias no Brasil, a iniciativa se insere no campo da economia popular e solidária, propondo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão como estratégia de transformação social.

A incubadora foi concebida como um espaço de produção e socialização do conhecimento técnico-científico, voltado ao fortalecimento de iniciativas coletivas baseadas na autogestão, cooperação e solidariedade. Sua proposta metodológica envolve processos formativos e de assessoria estruturados em etapas de pré-incubação, incubação e desincubação, buscando promover autonomia, sustentabilidade e inserção social dos grupos atendidos.

Para compreender os desafios, avanços e aprendizados desse processo inicial, esta entrevista foi realizada com o primeiro coordenador da Incubadora, responsável pela sua implementação e consolidação no período de 2008 a 2013.



Prof. Genival Corrêa de Souza, vice-reitor da UEFS no quadriênio 2011-2015. (Foto: Reprodução|Instagram)

Entrevistado: Prof. Dr. Genival Corrêa de Souza – Professor aposentado da UEFS, Especialista em Geoprocessamento, Mestre e Doutor em Engenharia de Transportes. Ex-Coordenador da Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária de UEFS e ex-vice-reitor da UEFS.

ORIGENS E MOTIVAÇÕES

1. Quais foram as principais motivações para a criação da incubadora, e quais demandas ela buscava responder naquele momento?

Bom, a proposta de criação e implantação da incubadora surgiu exatamente no início da gestão Mais UEFS, que começou no ano de 2008, se não me falha a memória. Naquele período, eu era coordenador de extensão, e a proposta estava diretamente vinculada ao programa de gestão da Reitoria, da universidade que assumiu naquele momento.

Se formos verificar o programa da chapa Mais UEFS para aquele período, vamos perceber que havia um chamado muito forte para a interação entre universidade e comunidade. Isso porque nós, que militávamos naquele grupo, entendíamos que todo o trabalho da universidade – ensino, pesquisa e extensão – deveria estar vinculado às demandas sociais.

Aquela ideia de que quem está na universidade sabe, de forma isolada, o que deve propor é equivocada. A proposta deveria partir de uma construção com a comunidade, a partir de suas demandas, especialmente porque buscávamos integrar ensino, pesquisa e extensão como estratégia para mudança social, inclusão e melhoria das condições de vida da população.

Nesse sentido, tínhamos uma proposta de implantação da incubadora voltada para esse objetivo: fazer com que a comunidade universitária, para além das ações específicas da incubadora, também atuasse internamente na universidade, tornando-a cada vez mais vinculada à sociedade e ao seu entorno.

Isso se justificava porque entendíamos que a universidade ainda apresentava certa resistência e uma inércia significativa quando se tratava de reorientar suas práticas para uma atuação mais voltada às questões sociais.

Essa foi, portanto, a principal motivação. Inclusive, posso destacar que eu, como primeiro coordenador da incubadora, não tinha formação específica nessa área – sou da engenharia –, mas era um campo que me interessava.

Ao longo do processo, percebemos que a constituição e consolidação da equipe da incubadora enfrentaram diversas dificuldades, inclusive relacionadas à nossa própria inexperience inicial. Apesar disso, conseguimos avançar, embora com desafios significativos, especialmente na formação da equipe.

Assim, as motivações principais estavam relacionadas à necessidade de aproximar a universidade das demandas sociais e fortalecer a integração entre ensino, pesquisa e

extensão. A incubadora de iniciativas da economia popular e solidária surgiu, nesse contexto, como um instrumento para fomentar essa transformação dentro da própria universidade, ao mesmo tempo em que atuava junto aos grupos da comunidade.

2. Como se deu o processo inicial de articulação entre universidade e comunidade para a implantação da incubadora? Houve resistências ou desafios institucionais?

Então, veja bem, nós tínhamos a ideia da implantação da incubadora por conta de uma proposta de gestão, como já mencionamos na pergunta anterior. Houve um edital da FAPESB que previa o auxílio à implantação de incubadoras, mas que também vinculava o apoio a um determinado grupo de pessoas que já possuíam uma iniciativa produtiva com perfil de economia popular e solidária.

E aí nós verificamos que isso nos facilitou. Por quê? Porque buscamos, dentro da universidade, algumas iniciativas isoladas de professores em vários departamentos que já tivessem algum vínculo com a comunidade. Por exemplo, professores envolvidos em projetos de extensão, que atuassem em áreas próximas e que tivessem relação com algum grupo da comunidade, para que pudéssemos incluí-los na proposta submetida à FAPESB.

Repare que isso foi muito importante, porque o próprio projeto já nos deu essa possibilidade de iniciar a interação com a comunidade. Tudo partiu daí, e isso foi fundamental, porque, como mencionei anteriormente, estávamos começando sem uma relação consolidada com a temática, sobretudo eu, que era o coordenador, e outros professores, a partir de uma demanda da própria gestão da universidade.

Foi então que conseguimos estabelecer esse primeiro contato. Lembro que, na época, a professora Sônia Lima já tinha vínculo com um grupo que possuía certa organização, chamado COOPERMASOL, que produzia alimentos. Assim, convidamos a professora Sônia a integrar a equipe, e ela nos colocou em contato com esse grupo. A partir disso, levantamos as demandas do grupo, que foram incorporadas ao próprio projeto.

Esse foi, portanto, um começo facilitado por esses elementos. Além disso, a própria proposta da gestão também contribuiu, pois tínhamos apoio da comunidade universitária.

Por outro lado, os desafios dentro da universidade eram significativos. Havia certa resistência e também uma inércia institucional em relação a esse tipo de ação. Para aprovar projetos dentro da estrutura universitária, éramos, por vezes, questionados. Além disso, havia dificuldades na formação de uma equipe de professores que compartilhassem dessa perspectiva de aproximação entre universidade e comunidade.

Mesmo assim, iniciamos o processo com uma equipe ainda inexperiente. Fomos aprendendo com o próprio grupo, ao mesmo tempo em que contribuíamos com os conhecimentos que possuíamos. Conseguimos formar uma equipe que tinha alguma experiência em trabalhar com grupos e

desenvolver atividades coletivas, o que possibilitou a produção de materiais e o melhor entendimento dos objetivos e metas.

Esse processo foi fundamental do ponto de vista formativo, tanto político quanto organizacional, e contribuiu para a consolidação inicial da equipe da incubadora. Essa foi a base; o começo se deu dessa forma.

O TRIPÉ UNIVERSITÁRIO E A PRÁTICA METODOLÓGICA

3. De que forma a proposta da incubadora dialogava com o tripé ensino, pesquisa e extensão dentro da universidade?

Bom, essa era a questão fundamental. Quando se pensou na implantação da incubadora como forma de levar adiante uma proposta de gestão, foi justamente porque se entendia que uma incubadora proporciona meios para interagir com a comunidade, identificar problemas e construir, junto com ela, novas possibilidades.

Além disso, possibilita a atuação conjunta de uma equipe formada por professores, técnicos e estudantes que vivenciam a universidade e essas questões na prática. Isso certamente gera um retorno para a própria universidade, impactando projetos de pesquisa, projetos de extensão e, consequentemente, o ensino.

Em termos potenciais, a implantação de uma incubadora de empreendimentos comunitários e sociais possibilitava fomentar essa interação, essa interlocução e integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Eu acho que, a despeito de todas as questões iniciais – e era natural que elas existissem, justamente pela complexidade de articular essas dimensões –, hoje é possível perceber os resultados desse processo.

Embora eu esteja afastado há bastante tempo, já aposentado e residindo em outro estado, o que observo é que o que foi produzido na universidade, pelos professores, estudantes e técnicos envolvidos, demonstra avanços significativos. Isso se reflete nas publicações, nas ações desenvolvidas com os grupos incubados e nas diversas iniciativas realizadas.

Esses resultados evidenciam os frutos dessa interlocução entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito da universidade.

Assim, apesar dos desafios enfrentados ao longo do processo, não se pode deixar de afirmar que a incubadora se configura como um caso de sucesso, considerando suas propostas, seus resultados e os objetivos alcançados. Não há dúvidas quanto a isso.

4. O projeto previa uma metodologia estruturada em pré-incubação, incubação e desincubação. Na prática, como essas etapas foram implementadas nas primeiras iniciativas acompanhadas?

Bem, eu já havia me referido nas questões anteriores que tudo era muito novo para nós. Inclusive, eu era de

uma área totalmente diferente e não tinha experiência ou formação nesses processos de incubação.

O nosso projeto foi centrado em experiências de outras instituições. Já existiam universidades que trabalhavam com incubadoras e, portanto, havia também uma literatura que nos fornecia elementos para propor essa estrutura metodológica. Assim, as etapas de pré-incubação, incubação e desincubação estavam definidas, em certa medida, a partir dessas referências, mas, na prática, tudo era muito novo para nós.

Na realidade, quando iniciamos o trabalho com o grupo, tivemos que desenvolver toda uma prática. Isso porque o processo depende muito das características de cada grupo, de seus aspectos culturais e da forma como ele se organiza. Como já mencionei anteriormente, já partimos com a perspectiva de atuar com um grupo específico, e, durante a minha participação na incubadora, foi com esse grupo que trabalhamos – posteriormente vieram outros, mas eu já estava afastado.

Assim, começamos com visitas ao grupo, buscando consolidar os primeiros contatos, conhecer sua realidade, compreender sua organização e, junto com seus integrantes, construir caminhos de atuação. Esse processo foi baseado em métodos participativos, com dinâmicas de grupo e estratégias voltadas à construção coletiva.

A partir dessas interações, fomos estabelecendo, junto com o grupo, as etapas do processo, definindo o que deveria ser feito para avançar. Foi, de fato, um processo de aprendizado para todos nós.

Nesse sentido, o que hoje aparece como um conjunto mais estruturado de etapas – pré-incubação, incubação e desincubação – foi sendo construído a partir dessa experiência inicial. Essa construção coletiva foi fundamental, pois demonstra que o conhecimento se produz na interação entre todos os envolvidos no processo.

Esse princípio, inclusive, está na base da carta de princípios da incubadora. Embora no projeto inicial já houvesse diretrizes, essa carta foi efetivamente construída ao longo do processo, na prática cotidiana, no trabalho com os grupos.

Se observarmos hoje os documentos da incubadora, veremos essa carta de princípios consolidada, resultado dessa construção coletiva que envolveu toda a equipe e, naquele momento inicial, especialmente o grupo COOPERMASOL, com o qual desenvolvemos as primeiras experiências.

5. Como a incubadora buscou iniciativas que articulassem com os princípios que incubadora defende? Como foi o processo de formação política e organizacional dos grupos?

Bom, vamos relembra. O nosso projeto era um projeto de implantação da incubadora. No entanto, já no próprio

“Fomos aprendendo com o próprio grupo, ao mesmo tempo em que contribuíamos com os conhecimentos que possuíamos.”

projeto nós envolvemos um grupo, como já mencionei anteriormente, porque isso era uma condição do próprio edital. Ou seja, havia o apoio à implantação da incubadora, com infraestrutura e outros recursos, mas também a exigência de atuação junto a um grupo.

A partir disso, buscamos, dentro da universidade, projetos isolados que já tivessem algum vínculo com a comunidade. Foi nesse contexto que identificamos o trabalho da professora Sônia Lima com o grupo COOPERMASOL, que, na nossa avaliação, apresentava afinidade com os princípios da incubadora.

É importante destacar que minha possibilidade de detalhar o funcionamento atual da incubadora é limitada, pois nosso trabalho se concentrou nesse momento inicial, com esse grupo específico. Foi com ele que conseguimos, de fato, implantar a incubadora. As demais demandas vieram posteriormente.

De todo modo, o trabalho com o grupo se deu nessa perspectiva de construção coletiva. Embora, no início, não tivéssemos muita experiência, conseguimos formar uma equipe com pessoas que já tinham alguma trajetória em trabalhos com grupos. Posso citar, por exemplo, a técnica Ana Rocha, Daniela Café, a professora Áurea, a professora Acácia, o professor Zé Raimundo, Juci, entre outros.

Essa equipe possibilitou o desenvolvimento de ações junto ao grupo, especialmente no que diz respeito às dinâmicas de formação política e organizacional. As atividades aconteciam no próprio espaço de trabalho da COOPERMASOL, localizada na Queimadinha, onde realizávamos reuniões e dinâmicas voltadas à organização do grupo e à construção coletiva de saberes.

Esse processo gerou resultados muito significativos, principalmente no sentido de construir uma trajetória conjunta com o grupo. Foi um aprendizado mútuo, baseado no princípio da construção coletiva, que orientava nossa atuação.

A partir dessa experiência, conseguimos estabelecer um certo padrão inicial de atuação da incubadora, o que inclusive contribuiu para a construção da sua carta de princípios.

Posteriormente, a incubadora foi se consolidando a partir de novas experiências, da entrada de novos integrantes e do contato com outros grupos, o que permitiu o aprimoramento de procedimentos e metodologias.

Talvez eu não seja a pessoa mais indicada para detalhar o funcionamento atual da incubadora, especialmente no que se refere às metodologias mais recentes de trabalho com os grupos, mas posso afirmar que esse início foi fundamental para a sua consolidação.

TECNOLOGIA SOCIAL E OS IMPACTOS DA GESTÃO

6. O projeto, já naquela época, destacava a importância das tecnologias sociais, haja vista a relação inicial com o Núcleo de Inovações Tecnológicas (NIT). Como o senhor avalia o papel dessas tecnologias no fortalecimento das iniciativas incubadas?

Bem, se a gente entende tecnologia social como uma tecnologia que alia conhecimento técnico e científico ao saber popular – e levando sempre em consideração, o que é muito importante, o baixo custo, pois isso permite o acesso mais amplo –, e se considerarmos participação democrática, emancipação, inclusão e transformação social como elementos próprios de uma tecnologia social, então vamos verificar que isso está totalmente alinhado com o próprio projeto da incubadora.

Isso dialoga diretamente com o seu objetivo fundamental no processo de incubação, que é construir o “como fazer”, ou seja, a técnica de fazer junto com a própria iniciativa.

Em relação ao Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), eu me lembro que participei desse processo, inclusive como membro da equipe. O entendimento era de que, no processo de incubação – e isso já foi mencionado em respostas anteriores –, você cria processos junto com o grupo, desenvolve formas de fazer, técnicas de atuação.

Certamente, a incubadora produziu muito em termos de tecnologia social. No entanto, em relação ao NIT, que também estava em processo de implantação naquele momento, sempre tive a percepção de que ele poderia, em articulação com a incubadora e outras iniciativas da universidade, contribuir para a sistematização dessas experiências.

Ou seja, o que a incubadora produziu poderia ser organizado, catalogado e estruturado como tecnologia social dentro da própria universidade. Talvez tenha faltado, naquele momento, esse esforço mais sistemático de interação e registro.

Não sei como isso avançou posteriormente, já que minha participação foi no início tanto da incubadora quanto do próprio NIT. Mas, até aquele momento, me parece que essa articulação ainda estava em construção.

De todo modo, respondendo diretamente à pergunta, o papel das tecnologias sociais nos processos de incubação é central. Elas materializam, na prática, aquilo que estava previsto no projeto inicial da incubadora.

Não tenho dúvidas quanto a isso. Ainda que eu não possa afirmar com precisão como esses processos estão hoje sistematizados, sei que há uma produção significativa sobre o tema.

Mesmo assim, posso afirmar que a tecnologia social é de suma importância para o trabalho com iniciativas populares, sendo um elemento fundamental no fortalecimento dessas experiências.

7. Existia a ideia, ou expectativa de impacto econômico, social e ambiental? Quais desses impactos foram mais evidentes ou relevantes durante sua gestão?

Sim, claro. A expectativa desses impactos era evidente dentro do próprio projeto. Na realidade, essa é a razão de ser de iniciativas como essa. Portanto, essas expectativas já estavam presentes na proposta de criação da incubadora.

Agora, é importante considerar o período em que atuamos. No início, os desafios estavam muito voltados para

a própria implantação da incubadora, e essa não foi uma tarefa fácil. Tivemos dificuldades relacionadas ao espaço físico – algo bastante complexo na UEFS –, à obtenção de mobiliário, equipamentos, infraestrutura em geral e também à consolidação da equipe, o que não é simples dentro de uma universidade, que muitas vezes apresenta resistência a determinadas formas de atuação e perspectivas.

Nesse período inicial, o único grupo acompanhado diretamente pela incubadora foi a COOPERMASOL, no sentido mais direto da incubação. Por isso, os dados quantitativos desse momento não expressam plenamente os resultados alcançados. No entanto, do ponto de vista qualitativo, tratou-se de um trabalho muito denso e robusto.

Apesar do número reduzido de grupos atendidos inicialmente, houve avanços significativos na consolidação da estrutura da incubadora, na formação da equipe, na definição de metodologias de trabalho e na superação de obstáculos institucionais, inclusive relacionados à legislação estadual que rege as universidades.

Como exemplo, posso citar as dificuldades enfrentadas para atuar junto às cantinas da universidade. O modelo vigente era baseado em licitação, e a legislação não permitia outras formas de organização. Foi necessário construir alternativas, com o apoio da professora Flávia Pita, buscando transformar esses espaços em uma espécie de laboratório, mesmo enfrentando questionamentos da Procuradoria Jurídica.

A partir desse processo inicial, os resultados começaram a aparecer. Esses dados estão registrados na própria incubadora, tanto em termos de produção científica quanto nas ações desenvolvidas. Exemplos disso são a Feira de Saberes e Sabores, o fortalecimento dos grupos incubados, a produção acadêmica e a formação de equipes.

Além disso, destaca-se o impacto interno na universidade, que se expressa na incorporação dessas práticas em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Portanto, ainda que os impactos quantitativos não tenham sido imediatos no início da gestão, os resultados qualitativos foram fundamentais e criaram as bases para os avanços posteriores. Nesse sentido, a incubadora pode ser compreendida como um caso de sucesso no âmbito da universidade.

8. A incubadora buscava articular redes de produção, comercialização e consumo solidário. Essa articulação se concretizou? Pode citar exemplos?

Eu acho que essa pergunta remete também à anterior. Nós falamos que, no início, tudo ficou muito voltado para a parte da implantação. No entanto, essa articulação de redes de produção e comercialização sempre foi um dos objetivos da incubadora.

A ideia da feira, que hoje já é uma realidade, já estava presente naquele momento. Inclusive, depois da minha saída da coordenação, já com o Zé Raimundo à frente, eu ainda consegui me envolver, por um certo período, com algumas

atividades da incubadora, inclusive relacionadas à feira. Mas foi por pouco tempo, porque logo me aposentei e me afastei.

De todo modo, acredito que os exemplos estão aí. Eu não tenho acompanhado de perto os números mais recentes, mas entendo que esse objetivo foi concretizado. Basta observar os dados da própria incubadora, tanto na produção científica – artigos, livros, encontros – quanto no envolvimento com iniciativas populares.

Nesse sentido, entra a questão da feira como espaço de comercialização dos produtos desses grupos, além da própria atuação da incubadora no processo de incubação. Portanto, trata-se de um objetivo que foi alcançado, mas que também continua sendo buscado, pois é um processo contínuo.

Lembro que, na época, eu cheguei a discutir com a professora Vânia uma proposta de “incubação de feiras livres”. A ideia era criar uma estrutura de apoio – como toldos, bancas e outros elementos de infraestrutura – para auxiliar grupos em territórios com potencial de comercialização. Esse apoio funcionaria como um processo de incubação: após um determinado período, os próprios grupos assumiriam a gestão da feira, seguindo a lógica da autogestão.

Não sei se essa proposta avançou, mas ela expressa bem a perspectiva de atuação da incubadora. De modo geral, ao observar os resultados, é possível afirmar que esse objetivo foi alcançado. A articulação entre universidade, incubadora e comunidade se concretizou e continua em construção.

Trata-se de um processo contínuo, que se dá no dia a dia e que exige permanência e fortalecimento constante.

LEGADO, RETROSPECTIVA E EVOLUÇÃO

9. Olhando em retrospectiva, quais aprendizados e legados o senhor considera mais importantes desse período inicial para a consolidação da incubadora?

Olha, se a gente pensar nos objetivos da incubadora – e como já discutimos nas perguntas anteriores, especialmente ao tratar dos resultados – eu considero que o trabalho com os grupos, essa articulação com as iniciativas e o que se produziu em termos de forma de atuação são extremamente importantes.

Eu não vejo muito sentido em hierarquizar o que é mais ou menos importante, mas gostaria de destacar um aspecto que, talvez, não apareça com tanta evidência para quem lê apenas o projeto da incubadora, embora esteja presente: o impacto na própria universidade.

Esse, para mim, é um legado de suma importância, e foi um dos objetivos alcançados – não tenho dúvida disso. Como mencionei anteriormente, as universidades brasileiras tendem a reproduzir características da sociedade, muitas vezes marcada por uma lógica elitista, na qual o conhecimento é concentrado e transmitido de forma verticalizada. Essa lógica ainda está presente no cotidiano universitário.

Nesse sentido, uma iniciativa que busca transformar essa realidade internamente é extremamente relevante. Trata-se de um movimento que atua como multiplicador, ampliando as ações e perspectivas dentro da universidade.

Se observarmos hoje, é possível perceber um aumento no número de professores que trabalham com essa temática, algo que antes era bastante limitado. O mesmo ocorre com a produção acadêmica – dissertações, teses, artigos – e com a inserção dessa discussão em programas de pós-graduação. Também houve impacto significativo na formação de estudantes e na produção científica de forma geral.

E veja que estou destacando apenas esse aspecto interno, sem considerar ainda os impactos diretos na sociedade, que também são muito relevantes.

Mas faço questão de ressaltar esse ponto: a universidade mudou, e mudou significativamente com o trabalho da incubadora. Não tenho dúvidas disso.

Retomando o início da proposta, quando decidimos implantar a incubadora, ela estava vinculada a uma política de extensão voltada para a comunidade. No entanto, para que essa atuação fosse efetiva, era necessário também impactar a própria universidade.

Assim, considero que esse é um dos legados mais importantes para a UEFS, para além dos objetivos mais diretos da incubadora relacionados ao trabalho com a comunidade. Então é isso.

10. Mesmo, afastado como o senhor ver hoje a Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/IEFS), o que o senhor pensa sobre a mudança de nome de Incubadora Tecnológica de Cooperativas (primeira concepção) para Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária (atual concepção)?

Bom, veja só, Sara e Zé Raimundo, eu acho o seguinte: em termos de concepção, a incubadora avança de acordo com aquilo que foi pensado inicialmente. É claro que há ajustes ao longo do tempo, corrigindo uma coisa aqui, outra ali, mas, em termos de proposta, segue aquilo que foi concebido.

Quanto ao nome, eu acho que foi interessante ter mudado, porque havia dois termos no nome inicial – “cooperativas” e “tecnológica” – que poderiam gerar interpretações

equivocadas. O termo “cooperativa”, no Brasil, muitas vezes está associado a determinadas práticas ou grupos que não necessariamente representam aquilo que se entende por economia popular e solidária. Embora cooperativa, em sua essência, signifique a união de pessoas em torno de objetivos comuns, na prática nem sempre isso se realiza dessa forma.

Já a palavra “tecnológica” pode remeter a algo extremamente sofisticado, de alto custo, associado a laboratórios e a tecnologias de ponta. No entanto, tecnologia também pode ser algo simples, apropriado e construído a partir das necessidades concretas dos grupos. Mesmo assim, o imaginário comum tende a associar o termo a algo distante dessa realidade.

Por isso, considero que a mudança de nome foi adequada, pois evita essas interpretações distorcidas e aproxima mais a incubadora de sua proposta real.

Em relação à incubadora hoje, eu vejo com muita satisfação o fato de ter participado de sua criação. É algo que nos deixa muito felizes, porque a iniciativa teve continuidade e avançou.

Claro que existem dificuldades — quem está diretamente envolvido é que conhece melhor os desafios, tanto na relação com os grupos, quanto dentro da própria universidade. Mas, ainda assim, é possível afirmar que houve avanços significativos.

Os próprios integrantes atuais da incubadora têm mais condições de avaliar os impactos gerados, tanto internamente na universidade quanto em seu entorno. Esses impactos, ao que tudo indica, são positivos e relevantes.

Então, é isso. Não sei se consegui ser totalmente útil, porque falo muito a partir da minha percepção, da minha experiência, sem necessariamente um embasamento teórico mais estruturado neste momento. Foi sempre muito mais uma prática construída no fazer.

Mas espero ter contribuído e que algumas dessas informações possam ser úteis para o seu trabalho.

“Apesar dos desafios enfrentados ao longo do processo, não se pode deixar de afirmar que a incubadora se configura como um caso de sucesso.”